

Afirmativa

Especial Afroétnica FlinkSampa • Troféu Raça Negra 2017 • Edição 57

plural

TROFÉU
Raça Negra
2017

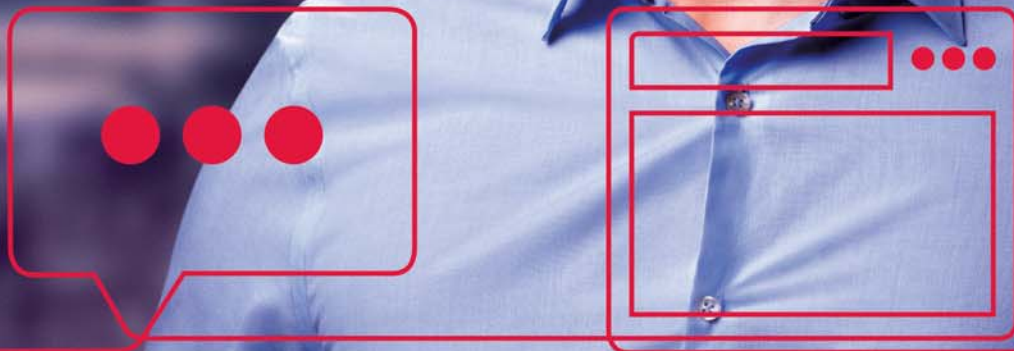


15 anos
de sucesso!

Jorge Carlos Fonseca, Zezé Motta e Ismael Ivo.

Sua opinião nos leva pra frente.

Seja por qual canal for, o Bradesco transforma cada contato em oportunidade para melhor atender você.





Bradesco
Pra frente.



Índice

FlinkSampa

FlinkSampa sucesso de público	6
Entre as letras e as armas	22
Prêmio jovem negro de literatura	24
Homenageado da FlinkSampa	28
VI Seminário internacional discute ética e estética na educação.....	32
CEO's das maiores empresas debatem a inclusão do negro no mercado de trabalho	38

Troféu Raça Negra

Troféu Raça Negra 15 anos de festa	46
História de vida	96

Preto e Branco

Luiz Melodia	98
--------------------	----

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmars Ltda., CNPJ nº 08.643.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 14, Número 57 - Av. Santos Dumont, 843 - Bairro Ponte Pequena - São Paulo/SP - Brasil - CEP 01101-080 - Tel. (55 - 11) 3325-1000. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente • Francisca Rodrigues • Humberto Adami • Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb.14.845 - francisca.rodrigues@afrobras.org.br).

FOTOGRAFIAS: S.R. Foto & Vídeo, Patrícia Ribeiro, Caio Tinoco,

Paduardo Passos, Ricardo Bastos, João Santos, Evelyn da Mata e Lucas Alves.

EDIÇÃO: Francisca Rodrigues.

COLABORADORES: Eliane Almeida, Gislaíne Vicente, Maria Luíza Paulino (Estagiária) e Rejane Romano.

ASSINATURA E PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação - Francisca Rodrigues - (francisca.rodrigues@afrobras.org.br) • Tel.(11) 3325-1000.

CAPA: S.R. Foto & Vídeo.

EDITORAÇÃO: Ponto a Ponto Comunicação • Tel. (11) 4325-0605.

O mês de Zumbi

Esta edição da Afirmativa Plural vem provar com imagens e textos, a consolidação de alguns projetos da ONG Afrobras, criada há 20 anos para dar formação, capacitação e visibilidade aos negros paulistas, que foi se estendendo aos negros brasileiros e, agora, aos negros do mundo.

A Afrobras e seu braço educacional – Faculdade Zumbi dos Palmares – realizaram a 5ª edição da FlinkSampa, Festa internacional do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra, Seminário da Iniciativa Empresarial e o Troféu Raça Negra.

Este ano o homenageado da FlinkSampa foi Paulo Lins, o consagrado escritor do livro Cidade de Deus não consegue esconder a felicidade e o contentamento em

de 300 horas intensas de atividades variadas, permeando a literatura nas suas mais diversas vertentes: nos seminários, debates, nas rodas de conversa, nos estandes das editoras, nas palestras de empreendedorismo, carreira, empoderamento, beleza. Participaram mais de 20 editoras, boa parte especializada em literatura negra. O empreendedorismo não foi esquecido e muitos comerciantes trouxeram seus produtos temáticos ou não para a Festa.

A Iniciativa Empresarial reuniu diversos CEOs das principais empresas no Brasil para discutir e buscar um caminho para a inclusão do negro no mercado de trabalho.

E para encerrar as comemorações de Zumbi, o

fazer parte da história de tantos brasileiros. “A gente lutou muito para estar aqui. Para o negro conseguir sua cultura dentro da nação, dentro do conceito de um país, foi muita luta, muita guerra, muita morte. E ela continua.”, disse Lins.

Várias ações fizeram parte do evento, como mesas de debate, oficinas para professores, Flinkinba, com contação de histórias e debates voltados para crianças e adolescentes, Seminário Internacional – “A Educação Inclusiva no Século 21”; Prêmio Jovem Negro de Literatura; Festival Afrominuto de curtas-metragens; exposição e venda de livros; Cine-debate/Realizadoras (com mulheres cineastas e documentaristas);

O Samba Nosso de Cada Dia; Espaço Beleza e muito mais. Foram mais

Troféu Raça Negra, em sua 15ª edição, que homenageou a atriz e cantora Zezé Motta.

A edição 2017 também teve como orador o Presidente de Cabo Verde, Jorge Calos Fonseca. O chefe de estado falou sobre a relação do Brasil com o seu país e também sobre a necessidade de se combater o racismo, pois, segundo ele “democracia não rima com racismo”.

“Desde que soube que seria homenageada, não consigo definir o que sinto. Quando entrei no movimento negro, queria preparar o mundo para meus filhos e netos. Sinto nessa hora, muita alegria, muita emoção. Um prêmio desses é muito importante para continuar a luta”, declarou Zezé Motta.

*Viva Zumbi!
Francisca Rodrigues
Editora Executiva.*

ditorial

FlinkSampa

sucesso e público





O público aprova festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra

Chamados de ilús, os tambores tocados por ritmistas africanos deram início à 5ª FlinkSampa (Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra). Entre os dias 16 e 18 de novembro aconteceram diversas ativida-

des, no campus da Faculdade Zumbi dos Palmares, em São Paulo. Nesta edição da feira literária, que homenageou o escritor Paulo Lins, autor do livro “Cidade de Deus”, adaptado para o cinema e televisão, não houve tempo para se ficar parado. Várias ações fizeram parte do evento, como mesas de debate, oficinas para professores, Flinkinha, Seminário Inter-



nacional – “A Educação Inclusiva no Século 21”; Prêmio Jovem Negro de Literatura; Festival Afrominuto de curtas-metragens; exposição e venda de livros; Cine-debate/Realizadoras (com mulheres cineastas e documentaristas); O Samba Nosso de Cada Dia; Espaço Beleza e muito mais.

Nesta edição, a FlinkSampa investiu em trazer alunos das Escolas Estadual e Municipal de São Paulo e grande São Paulo e contou ainda com as redes de ensino parceiras: SESI, Fundação Bradesco e Instituto Federal de Ensino. Foram mais de 3,5 mil alunos nos três dias de evento. A festa literária contou ainda com grande representatividade e participação de professores estadual e municipal no Seminário Internacional e nos debates literários.

Foram mais de 300 horas intensas de atividades variadas, permeando a literatura nas suas mais diversas vertentes: nos seminários, debates, nas rodas de conversa, nos estandes das editoras, nas palestras de empreendedorismo, carreira, empoderamento, beleza. Mais de 20 editoras, boa parte especializada em literatura negra, elas trouxeram para o público cerca de 400 títulos, a preços promocionais, visando estimular os leitores que prestigiaram as atividades. O empreendedorismo não foi esquecido e muitos comerciantes trouxeram seus produtos temáticos ou não para a Feira: artesanato, artes plásticas e vestuário perfizeram a maioria das mercadorias expostas. Para a comodidade do público vários food trucks ofereceram alimentação variada para todos os presentes. Não podia faltar as oficinas e competições de basquete nas quadras do Centro Esportivo Tietê, com a participação de alunos e convidados.





Abertura oficial

Com o anfiteatro da Faculdade Zumbi dos Palmares com a lotação máxima foi possível notar a satisfação dos estudantes que vieram de vários bairros de São Paulo e até do interior: tanto de escolas públicas quanto de particulares. A abertura oficial teve a presença dos diretores da instituição, dos responsáveis pelo evento, dos apoiadores, patrocinadores, além de performances artísticas.

A curadora da Flink, Guiomar de Grammont, falou sobre a importância de que seja valorizada a literatura e toda a cultura negra em suas diversas manifestações. Ela comentou sobre o papel que iniciativas como estas cum-





Francisca Rodrigues, Pierre Ruprecht, Guiomar de Grammont e Danilo Miranda.

prem. *“Ainda sofremos diversas opressões por conta do racismo. Atividades como essa reafirmam o compromisso com a liberdade, com a igualdade, com a fraternidade de todas as pessoas que constituem o Brasil”.*

O diretor da SP Leitura, Pierre Ruprecht, agradeceu à Flink a oportunidade de fazer parte da festa em nome das Bibliotecas de São Paulo. Nesta edição, a FlinkSampa promoveu alguns debates em bibliotecas públicas de São Paulo com os autores que participavam da festa literária. Falou sobre a importância da literatura para a preservação da cultura, do poder de libertação que ela tem principalmente entre os jovens. *“Literatura é instrumento de liberdade. Vida longa à FlinkSampa”*, disse.

Já Danilo Miranda, diretor do Sesc São Paulo, presente com o cami-

nhão Biblosesc, ressaltou a importância da FlinkSampa. *“A Flink abre a oportunidade de se ver a juventude reunida para discutir liberdade. Esse é um processo que trará como consequência a abertura de diálogo com os africanos refugiados, na atualidade”*, ressaltou.

Coroando a abertura, a presidente da FlinkSampa, Francisca Rodrigues, fez uma saudação à Zumbi dos Palmares, saudando os estudantes do SESI, escolas do ensino municipal e estadual, Fundação Bradesco e do Instituto Federal de Ensino. *“É maravilhoso ver na plateia tantas crianças e adolescentes. Trazer ainda mais jovens e crianças para a nossa festa do conhecimento e realizar nossa festa em casa nos emociona”*, explicou a presidente (em anos anteriores o evento foi realizado no Memorial da América Latina).



Marcelino Freire, Guiomar de Grammont, Paulo Lins, Ferréz, Ueliton Alves e Fernando Bonassi.



José Vicente, Domício Proença, Arnaldo Niskier, Geraldo Carneiro e Marco Lucchesi.



Destaque para a presença de alguns dos mais admirados autores nacionais e internacionais Paulo Lins (homenageado desta edição), Elisa Lucinda, Hélio de La Peña, Conceição Evaristo, Férrez, Marcelino Freire, Fernando Bonassi, Sérgio Vaz, só para citar alguns do cenário nacional. Imortais da ABL (Academia Brasileira de Letras) estiveram no campus da Zumbi, como Arnaldo Niskier, Geraldo Carneiro, Domício Proença (presidente da Academia Brasileira de Letras) – que relançou o livro “Dionísio Esfacelado (Quilombo dos Palmares), em parceria com a editora Unipalmares e a ALTÊNICA”.

Dos escritores internacionais vale ressaltar a presença de Jorge Carlos Fonseca (Presidente da República de Cabo Verde) – que lançou o livro “O

Albergue Espanhol”, Teresa Cárdenas (Cuba), Shirley Campbell Barr (Costa Rica), Filinto Elísio (Cabo Verde), Francisco Noa (Escritor e Reitor da Universidade Lúrio de Moçambique), Armênio Vieira (Cabo Verde).

Martinho da Vila participou do evento que trouxe o samba para o centro da roda de conversa na biblioteca, no segundo dia da FlinkSampa. “Depois que o Samba é Samba” proporcionou um bate-papo interessante do qual participaram, além do compositor, Paulo Lins, Maurício Negro, João Batista de Medeiros Vargens e Chiquinho de Assis.

Vários artistas, entre diretores, atores e atrizes da tv, cinema e teatro participaram de atividades, como por exemplo, Joel Zito Araújo, Maria Ceíça de Paula, Maria Gal.

FLINKINHA

O espaço para as crianças contou com a presença de Veralinda Menezes, que trouxe sua obra mais conhecida a “Princesa Violeta”. Outra das mais concorridas palestras foi a do Global Walcyr Carrasco. Em uma atividade chamada Histórias Contadas – Meus dois pais, o autor de novelas e escritor Walcyr Carrasco, conhecido por suas obras na teledramaturgia, compartilhou um pouco de suas experiências na construção de narrativas literárias que dialogam com a questão racial. Na obra “Irmão Negro”, o autor aborda a questão racial em uma história de dois garotos que, apesar de serem primos, são criados como irmãos. Um negro e outro branco. E assim as dificuldades e preconceitos que o irmão negro sofre cotidianamente, são escancaradas quando comparados os privilégios do irmão branco.

Foi com Érico Brás, na atividade de contação de histórias para crianças, que a tarde do dia 18 de novembro



Shirley Campbell Barr e Teresa Cárdenas.



Filinto Elísio e Francisco Noa.



Antônio Quino, Guiomar de Grammont, Dulce Pereira e Nazareth Fonseca.



Hêllo de La Peña, Elisa Lucinda e Veralinda Menezes.



Armênio Vieira.



Maurício Negro, Paulo Lins, Chiquinho de Assis, João Batista de Medeiros Vargens, e Martinho da Vila.

ficou agitada. Na atividade comandada por ele, as crianças puderam conhecer mais sobre a história de sua obra “Lindas Águas”, além de participar das brincadeiras e clima de descontração.

O livro conta a história de uma menina negra, que em uma aventura no fundo de um rio, aprende diversos valores e se torna uma rainha, preparada para decisões e saber ser



Kinsam Oliveira.



Walcy Carrasco.

diferente. A narrativa aborda sobretudo a diversidade, o respeito às individualidades e a importância de que se tenha respeito e que se conviva bem com as diferenças. “*Nós somos diferentes, mas podemos viver alegre assim*”, falou Érico às crianças.

A Flinkinha contou ainda com os debates e contação de histórias: “África – Contos do rio, da selva e da savana”, com Silvana Salerno; “Mundo Black Power”, com Kiusam Oliveira; “Tá bom pra você?”, com a atriz e



Paulo Lins em roda de conversa na tenda SESI.



Érico Brás rodeado de crianças.



Contação de histórias.

escritora Kenia Maria.

Contou ainda com o personagem da turma da Mônica, o Jeremias; “A Cor de Coraline e Gente de Cor. Cor de Gente”, com Alexandre Rampazzo e Maurício Negro; “Bate-papo sobre o livro – Mais Leve que o Ar”, com Felipe Sali e “Cabelo Bom é o Que?”, com Rodrigo Goecks.

Os mestres também foram lembrados pelo SESI nas **Oficinas para Professores** – o Folclore Brasileiro foi destrinchado por Januária Cristina Alves; assunto polêmico, mas tratado

com muita clareza, o racismo na escola foi protagonista na palestra de Pedro Bandeira (Como Lidar com o Racismo e Inclusão na Escola)

O **Espaço Beleza e Empoderamento da Mulher Negra** trouxe glamour para a feira literária e de conhecimento: um desfile de moda afro foi realizado no lado externo do hangar do campus. Moda étnica, com muitas cores, cabelos esvoaçantes deram o tom da atividade, um projeto da ETEC (Escola técnica Estadual) Moda.

A atriz, roteirista e escritora Kenia Maria falou sobre a presença do ativismo no combate ao racismo, ao machismo e à intolerância religiosa. Ela foi, este ano, nomeada defensora das mulheres negras pela ONU.

Logo no início, Kenia falou sobre a emergência que a discussão sobre esses temas tem. Pois, para as mulheres negras além do machismo, há também o racismo que cerca todo o cotidiano e impõe uma série de obstáculos encontrados tanto dentro do feminismo, sem um recorte racial,



Jeremias e crianças.



Kenia Maria.



Desfile de alunos de Moda da Etec.



Apresentação de dança.



Maria do Carmo, da Muene.



Alunos da Etec.



Monica Sousa.

quanto da configuração encontrada em espaços de discussão do movimento negro, onde há problemas com machismo. *“Isso aqui (referindo-se à mesa com mulheres negras) é novo e muito positivo.”*

Mônica de Sousa: Outra atração que agitou as atividades infantis foi a participação de Mônica de Sousa, a musa inspiradora de Maurício de Sousa no gibi mais famoso no Brasil: a Turma da Mônica. A menina briguenta, das coelhadas certeiras na turminha da Vila do Limoeiro, deu lugar a uma mulher preocupada com o protagonismo das meninas. Mônica de Sousa, hoje diretora executiva da Mauricio de Sousa Produções, falou sobre o tema: *“Empoderamento de Meninas – As meninas poderosas de hoje serão as mulheres maravilhosas de amanhã”*. E, após 50 anos do surgimento da personagem, a diretora executiva desenvolveu um projeto chamado, *“As Donas da Rua”* que aborda a valorização do empoderamento feminino através de histórias de mulheres que fizeram a diferença no mundo e se destacaram pelas suas atividades. O hot site do projeto é aberto para que as meninas e mulheres compartilhem suas vivências e histórias de empoderamento. <http://turmadamonica.uol.com.br/donasdarua/>.

Mostra de Cinema por Mulheres Negras

Dentro da programação da Flink-Sampa 2017 a Mostra de Cinema apresentou curtas metragens e documentários realizados por cineastas negras. A curadoria da atriz Maria Gal organizou temas como empoderamento feminino, racismo e mortalidade de jovens negros, com o propósito de discutir a visibilidade do negro. Filmes como *“O caso do homem errado”*, de

Camila de Moraes, que relata sobre o assassinato de jovens no Brasil que, segundo a CPI do Senado, todo ano chega a 23.100 jovens negros de 15 a 29 anos. Dias antes da mostra na FlinkSampa, foi premiado em Punta del Este, no 9º Festival Internacional de Cine Latino, Uruguayo y Brasileiro.

Outro filmes apresentados e debatidos foram:

Do Que Aprendi Com Minhas Mais Velhas, Dirigido e produzido por Onijásé e Susan Kalik, um documentário sobre a fé no Candomblé e como essa fé é transmitida de geração em geração.

Mumbi, de Viviane Ferreira, que mostra a angústia de Mumbi, uma jovem cineasta, que após participar de um dos maiores festivais de cinema do mundo, se vê enclausurada em seu interior sem saber qual será sua próxima obra.

O Dia de Jerusa, também de Viviane Ferreira, retrata Bixiga, coração de São Paulo, em um dia especial e mostra Jerusa, moradora de um sobrado envelhecido pelo tempo que recebe Sílvia, uma pesquisadora de opinião que circula pelo bairro para uma pesquisa de sabão em pó.

Rainha, de Sabrina Fidalgo, conta a história de Rita, que realiza o sonho de se tornar a rainha de bateria da escola de samba de sua comunidade.

Filmes do Empoderadas, de Renata Martins, nasceu como um projeto de websérie que tem por objetivo ampliar a representação e representatividade de mulheres negras, tanto diante, quanto por trás das câmeras, em todas as etapas de produção.

Um Filme de Dança, de Carmen Luz. “E os negros? Onde estão os negros? O eco desta pergunta na dança cênica brasileira, foi o ponto de



Sabrina Fidalgo, Maria Gal e Camila de Moraes.



Elizete Rosa, Jorge Carlos Fonseca e Thobias da Vai Vai.

partida para a realização do filme.

Vamos Fazer um Brinde, de Sabrina Rosa. Numa noite de réveillon, amigos se reencontram para brindar suas histórias.

Balé de pé no chão, de Lilian Solá Santiago e Marianna Monteiro. Versão resumida do documentário “Balé de Pé no chão – a dança afro de Mercedes Baptista”.

Música em sintonia com a literatura

A Música como expressão artística e com potencial unificador, também esteve presente nesta edição da FlinkSampa. Definido como um espaço de inclusão instantânea e adesão imediata à alegria o Espaço Samba nosso de cada dia, comandado por Thobias da Vai Vai e por Elizete Rosa,

contou com a presença de outros sambistas da velha e da jovem guardas da Escola de Samba Vai Vai.

Homenageado da Literatura

Com a biblioteca da Zumbi dos Palmares lotada de estudantes ávidos pela discussão que viria, aconteceu a mesa de debate com o homenageado da 5ª edição da FlinkSampa, o escritor Paulo Lins. O tema foi sua obra mais emblemática, o livro *Cidade de Deus*, que mostra um retrato do crescimento desordenado e da violência provocada pelo tráfico de drogas na comunidade Cidade de Deus (RJ), local de origem do autor. A mesa, mediada pelo escritor Manto Costa, contou com a participação de Eduardo de Assis Duarte, além do próprio autor da obra. As questões levantadas tanto na mesa quanto pelo público estavam relacionadas como a obra se mantém atual, apesar de ser escrita entre o final da década de oitenta, e denúncia de certa forma as mesmas questões que ainda são pautadas como a guerra às drogas e o genocídio em curso da população negra no Brasil.



Marcelino Freire, Fernando Bonassi, Paulo Lins e Férrez.



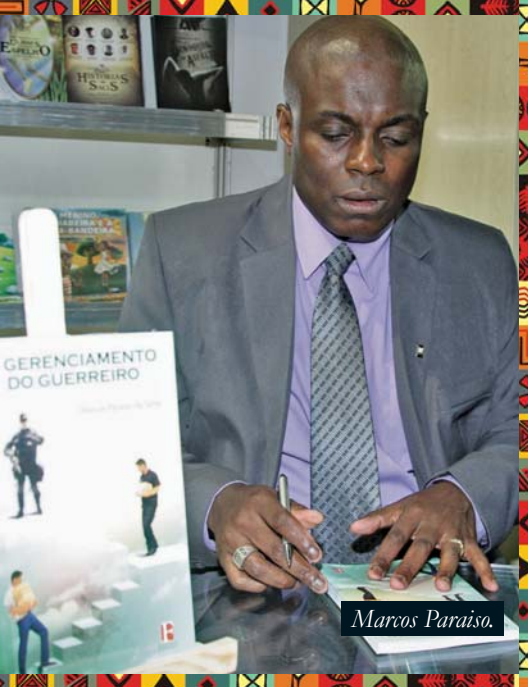
José Vicente, Jorge Carlos Fonseca e Francisca Rodrigues.



Guiomar de Grammont, Eduardo de Assis Duarte, Paulo Lins e Manto Costa.



Marco Lucchesi, Geraldo Carneiro, Domicio Proença, Guiomar de Grammont e Arnaldo Niskier.



Durante as trocas de ideias entre mesa e público foi levantado um outro tema, que relaciona-se diretamente com a questão da representatividade na ficção, que é a pouca visibilidade que a narrativa da obra traz sobre as mulheres inseridas no mesmo contexto do filme. Paulo Lins ao refletir sobre a questão pontua que ter sido incomum, em sua experiência na Cidade de Deus, a imagem de mulheres com armas na mão, ou tão imersas no tráfico.

Narrativas urbanas também foram tema discutido por Paulo Lins e Ferréz

O debate “A prosa urbana do Brasil Contemporâneo”, contou com a presença dos escritores Paulo Lins, Fernando Bonassi, Marcelino Freire, Ferréz e Uelington Farias. Em um clima bastante descontraído, foram abordadas questões atuais importantes que fundamentam a prosa de escritores como Lins e Ferréz, que escrevem sobre assuntos ligados à vida nas periferias urbanas.

O escritor paulistano, Ferréz, por exemplo, chamou a atenção para o fato de que a escritora Carolina de Jesus não é conhecida em seu próprio país. Segundo ele, ao visitar escolas e perguntar se os estudantes conhecem Carolina de Jesus, a resposta é negativa. No entanto, ao citar a escritora judia Anne Frank (autora do ‘Diário de Anne Frank’) todos conhecem.

Presidente de Cabo Verde lança livro

O debate sobre polifonia na literatura reuniu autores como o escritor Jorge Carlos Fonseca, Presidente de Cabo Verde. No seminário literário “Literatura Carlos Fonseca, Presiden-

te de Cabo Verde. “Literatura em Vozes Polifônicas”, mediado por Márcia Souto, da editora Rosa de Porcelana, contou, ainda, com a presença da escritora mineira, Conceição Evaristo, e do escritor cabo-verdiano, Felinto Elíseo.

Sobre o poema de Conceição Evaristo, Márcia ressaltou que a prosa da escritora revela as desigualdades sociais e de gênero que existiram e ainda existem na sociedade brasileira. “*A voz de uma poeta mineira ecoou a polifonia que reafirma a sobrevivência dos seres humanos subjugados*”, destacou ela.

Em relação à obra de Felinto Elíseo, Márcia disse se tratar de uma literatura que reverbera a polifonia de vários outros poetas como, por exemplo, do brasileiro Manoel de Barros.

Fonseca disse que se sentiu privilegiado por ter sido convidado para vir ao Brasil e à FlinkSampa. O presidente-escritor, disse que Cabo Verde é um país pequeno que tem a necessidade de se abrir para o mundo e que a literatura possibilita essa abertura. Ao final do debate, Fonseca lançou seu livro “O Albergue Espanhol”, publicado pela editora Rosa de Porcelana.

Presidente da ABL relança livro

Houve ainda o relançamento do livro “Dionísio Esfacelado”, do escritor Domício Proença Filho, presidente da ABL (Academia Brasileira de Letras), durante a FlinkSampa, o que ocorreu em um clima de grande emoção. Dividindo a mesa com o poeta Geraldo Carneiro e Marco Lucchesi, membros da Academia Brasileira de Letras, pelo jornalista Arnaldo Niskier e pela curadora literária da FlinkSampa Guiomar de Grammont, Domício falou brevemente sobre seu livro e, em seguida, recebeu homenagens dos



Francisca Rodrigues, Jorge Carlos Fonseca, Conceição Evaristo, Paulo Lins, José Vicente e Domício Proença.

componentes da mesa. Todos foram unânimes em reconhecer a grandeza e a atemporalidade de um livro que retrata, como poucos, a história brasileira a partir de uma abordagem na qual resiste a esperança.

Encerramento da Flink-Sampa

A biblioteca da Faculdade Zumbi dos Palmares estava lotada quando terminou a última palestra que dava final à FlinkSampa 2017. O presidente de Cabo Verde inaugurou um quadro com sua foto que ficará na Biblioteca da faculdade, como vários visitantes ilustres da instituição. Es-

critores, atrizes, atores, professores, estudantes, unidos em um abraço fraterno ouviram as palavras da presidente da Flink, Francisca Rodrigues e pelo reitor da Faculdade Zumbi do Palmares, José Vicente.

A grande quizomba, foi iniciada por ele com sua saudação a Zumbi dos Palmares, o grande herói negro. Ainda sob o efeito das energias ancestrais, a presidente e o reitor lembraram do valor simbólico de a festa estar acontecendo dentro das dependências do antigo clube centenário Tietê.

“Há alguns anos o que acontece aqui e agora seria impossível de acontecer. Estamos no antigo salão de baile de Clube





Tietê onde era proibida a entrada e permanência de negros. Milton Gonçalves (ator) conta que foi impedido de entrar aqui em um baile de Carnaval por ser negro. Este episódio quase lhe tirou a vida. Mas, no fim das contas, o transformou no fantástico homem que é hoje”.

Francisca Rodrigues reforçou a importância de a FlinkSampa e o Seminário Internacional serem realizados dentro das dependências da faculdade e de estar realizando o grande sonho de fazer a festa na casa de Zumbi. “Um dia sonhamos e hoje tornamos tudo realidade. Hoje, aqui, podemos entrar pela porta da frente e dar um imenso salto na história”, concluíram. ■

entre as letras e as armas

“Hoje estou aqui para comemorar Zumbi dos Palmares, o grande herói. Mas não somente para os brasileiros. Minha primeira saída para o Brasil foi para a Bahia e saudei o Brasil clamando Zumbi dos Palmares. Cabo Verde também passou pela escravidão, lutou contra a falta de recursos, contra a falta de água. Mas conseguimos construir uma sociedade plural e harmoniosa.”

Essas são palavras de Jorge Carlos Fonseca, presidente da República de Cabo Verde em seu segundo mandato, ao visitar a Faculdade Zumbi dos Palmares, durante a realização da 5ª edição da FlinkSampa, onde lançou seu livro *Albergue Espanhol*, pela editora Rosa de Porcelana. Ao tomar contato com os alunos da Zumbi dos Palmares, o homem das letras explica que a cultura brasileira é muito mais próxima da cultura cabo-verdiana do

que os brasileiros podem imaginar.

Poeta, escritor e professor universitário, Jorge Carlos Fonseca, aos 17 anos integrou as fileiras pela independência de Cabo Verde. Nascido na Província Ultramarina de Cabo Verde, em 20 de outubro de 1950, escreveu sua história em meio à luta armada por armas e letras. Estudou Direito em Portugal e diz ter tido a sorte de entrar num ambiente propício ligado aos movimentos pró independência

“Tornei-me militante com muita ilusão revolucionária. Em 1975 Cabo Verde tornou-se independente. Como advogado e militante político, auxiliei na elaboração de nossa carta magna em 1992. Me tornei referência para os países também em busca de independência e pude participar da elaboração da constituição da Guiné”, conta ele.

Em fins dos anos 1980, sua luta

era pela pluri-partidarização do país. Em busca da construção de uma nação democrática de fato e de direito, encampou a missão de estimular a criação de novos partidos para que as eleições dessem conta de representar todas os setores da sociedade cabo-verdiana.

“Dei uma pequena contribuição na constituição. Fui defensor das leis ali propostas e por isto acabei por me tornar Presidente”, explica.

“Em tempos da Segunda Grande Guerra, os navios brasileiros aportavam em Cabo Verde e deixaram por lá as influências que ajudaram a formar os novos escritores e músicos. A literatura cabo-verdiana foi muito influenciada pela literatura brasileira. Somos muito próximos, mas também muito distantes”, conta.

Ao proferir a palestra de honra do Troféu Raça Negra, o presidente de Cabo Verde disse: *“É com muito prazer*

que estou aqui nesta sala imponente com essa gente tão afável e bonita. Estou a convite muito simpático de José Vicente. Confesso que vir de Cabo Verde, que talvez alguns conheçam, foi uma grande aventura. Não esperava nunca ter um ambiente tão sofisticado e plural. De universitários militantes, músicos, escritores, magistrados, gente de cinema e teatro. Me sinto privilegiado. Sou também um poeta.”

Cabo Verde é formado por 10 ilhas. É um país pequeno, de 1 milhão de pessoas e muitas mais espalhadas pelo mundo. Somos um povo muito perseverante, sonhador e cremos que nossa luta, nossa cultura é o que nos faz um país enorme.

Nossa nação é muito antiga. Éramos ilhas hereditárias portuguesas e haviam africanos trazidos de diversas partes do Continente, que trabalhavam como escravos. Conseguimos, com muita luta e guerra, conquistar a independência e alcançar uma democracia pluralista.

Hoje somos uma grande democracia reconhecida em toda a África. Os cabo-verdianos vieram para cá e mantiveram sua visão romântica sobre o Brasil. A música brasileira influenciou muito a cabo-verdiana. Talvez vocês também não saibam que o nordeste brasileiro fica a somente 3 horas de distância de Cabo Verde.

Apoiamos todos aqueles que lutam contra qualquer tipo de discriminação. Amigos, democracia não caminha com racismo, intolerância, xenofobia. Essa luta é nossa, do José Vicente, dos músicos, esportistas, que buscam a igualdade.

Somos diferentes, mas temos que ser vistos como iguais. Quero ser a ponte entre Brasil e África assim como queremos conhecer mais o Brasil. Sua luta é uma luta justa. Porque é inaceitável vermos ainda nos dias de hoje homens sofrendo com a escravidão como vemos na Líbia.

Nós somos cidadãos e militantes pela LIBERDADE! ■



Jorge Carlos Fonseca.

prêmio jovem negro de literatura

Nesta 5ª edição da FlinkSampa os vencedores do concurso Prêmio Jovem Negro de Literatura de 2016 realizaram o sonho de ter seus primeiros livros publicados (Editora Unipalmarensis e apoio das editoras SESI-SP e Globaltec). Além de receber os livros, os vencedores participaram de debate literário e do lançamento dos livros.

Os vencedores foram: Larissa Montag, com o título “A Vida dos Arco-Íris”; Ronald Acioli com “O ABC do Seu Nico” e Robson Lousa, com “Nossos Corpos”.

4º Concurso FlinkSampa de Literatura

Foi em meio a muita emoção e alegria, que foram premiados os estudantes vencedores do ‘4º Concurso FlinkSampa de Literatura 2017’, em

parceria com a rede escolar SESI-SP, que conta com quase cem mil alunos em todo o Estado de São Paulo. Foram apresentados trabalhos nas áreas de fotografia, poema, narrativa e música.

O objetivo do concurso é incentivar a construção do pensamento literário e fazer os jovens pesquisarem sobre o homenageado e/ou temas aderentes ao mesmo, como etnia, discriminação, raça etc.



Robson Lousa, Osvaldo Faustino, Larissa Montag e Ronald Acioli.

Os vencedores são:

Poema: 1º Lugar

Aluna: Ana Carolina Souza Gomes
4º ano EF

Escola SESI Presidente Epitácio SP

Categoria: I Poema

Nível: 1º ao 5º ano

Título do trabalho: O horizonte é mais além!

Narrativa: 1º Lugar

Aluna: Giovanna Ferraz

Escola SESI de Sorocaba

Categoria: Narrativas

Nível: Ensino Médio

Título do trabalho: Dita

Música: 1º lugar:

Aluna: Felipe Dantas Apolinário

Escola SESI de Campinas

Título: Um Deus da cidade.

Destaque: Yasmin Vale Souza

Fotografia: 1º lugar

Aluna: Larissa Fátima Dutra

Escola SESI de Tambáú

Categoria IV - Fotografia

Nível: Ensino Médio

Título do trabalho: A menina sem suas tranças



1º lugar
CE123 Sorocaba
Giovanna Ferraz
DITA



Prende o cabelo, passa a escova, puxa pra espetar. Trança para a cara um pouco mudar, cresce e vê que o seu é diferente, chora e pede para a mãe alisar.

Já estou cansado, ela não me deixa brilhar, aos poucos percebo que minhas forças vão se perdendo. Depois da primeira vez que senti o calor da chapinha, nunca mais deixei de quebrar.

Eu era bonito quando ela me queria liso, mas deixei de ser, quando a pessoa, dona do monte o qual eu habito, não me quis mais assim. Eu sentia o quão bruto era o passar do ferro quente em meus fios e só conseguia pensar, “por que judias tanto assim de mim?”.

Passei a observar e finalmente enxerguei, o liso estava em todo lugar! Na rua, na TV e dentro de casa. Eu consegui a entender e deixei tudo como estava, afinal, o liso é mais bonito, eles disseram...

Até que: era mais um dia comum, eu fora arrumado como de costume e nós já estávamos na correria... Foi inevitável! Como se um imã nos puxasse, eu senti a agitação dos calcanhares, a aceleração do coração e o despertar do cérebro, e como vida. Ele era volumoso, parecia algodão, seus estreitos rolinhos brilhavam e todos os membros que compunham o nosso corpo, literalmente, não tiravam os olhos das negras madeiras.

Olhos curiosos. Foi o suficiente para que tudo mudasse...

O medo era grande e nossa vontade secreta, todos sabiam que seria difícil e que muitos iriam criticar mas no meio da extensa rede nós encontramos a transformação, Cabelos em evolução, cabelos em revolução, cabelos em transição!

Ela pensou por um tempo e depois de muito lutar contra mim e o coração, se deixou levar. Aos poucos, o que era liso deixou de ser. Eu pude sentir a vida voltando e quando e quando ela estava pronta, passou a tesoura e finalmente me libertou da ditadura que eu vivia a anos. Solta o cabelo e passa um creme pra não ressecar. Trança pra ele crescer e a cara um pouco mudar. Perceba que o seu é lindo, diferente e alisa só se quiser alisar.





1º Lugar
CE268 – Presidente Epitácio SP
Ana Carolina S. Gomes 4º ano EF

O horizonte é mais além!

Vou falar de um artista dos sonhos meus
que nasceu na comunidade Cidade de Deus,
autor de obras que me deixaram de perna bamba
poesia, música especialmente o samba.


Seu primeiro livro chama-se Sobre o sol
encantador como um girassol,
Mas a obra mais famosa, “benzadeus”!
Foi o livro Cidade de Deus.

Esta obra envolve tráfico de drogas e violência
Da mídia recebeu a maior audiência.
Foi parar no cinema e na televisão,
e teve grande repercussão.

Novos horizontes abriram-se para o autor
Desde roteirista até diretor,
Provando que o sucesso
Não depende da raça ou da cor.



AFRO MINUTO



Descobrimos talentos

Os jovens vencedores são procedentes de três cidades de São Paulo: São José dos Campos, Limeira e Osasco.

Da Escola Estadual Dona Benedita Freire de Macedo (SJC), o curta-metragem “Sou negro sim, e daí?” trouxe um trabalho baseado na obra “Me gritaram Negra”, de Victória Santa Cruz. As professoras que coordenaram o trabalho dos anos finais do Ensino Fundamental foram Claudete Aparecida Dias de Resende e Adriana Telles de Mattos.

Com a temática Liberdade de Expressão, alunos da Fundação Bradesco, de Osasco, também foram agraciados com a premiação. Participaram do curta estudantes do Ensino Médio. A responsável pelo trabalho foi a professora Juçara Farias de Souza, que fez parceria com os seguintes alunos: Vítor Soares da Silva, Ítalo Sousa Silva Cardoso, Bruna Caroline Santos de Barros, Gabrielly Maganha Gonçalves e Stefani Gonçalves de Brito.

“Viver diferente é inteligente e “Racismo é proibido” foram as duas frases inspiradoras do trabalho dos alunos do Ensino Fundamental (anos iniciais) da Escola SESI, do Jardim Nova Suíça (CE 005), de Limeira. Os alunos participantes foram Ayla Cristina Pacagnelli, Isabelle Parizotto



Baraldi, Kailanny Rodrigues dos Santos, Maria Fernanda da Silva, Monique Uehara Runge, Maria Paula dos Santos Sala e Lívia Lister Silva, sob a coordenação da professora

Rosilene Vieira Silveira da Silva.

A premiação foi realizada no dia 16 de novembro na FlinkSampa e os vídeos vencedores estão divulgados no site da www.flinksampa.com.br ■

homenageado da Flink Sampa



“Quero ser homenageado de novo, no ano que vem”, disse Paulo Lins quando perguntado sobre a emoção de ser o patrono da FlinkSampa 2017. O consagrado escritor do livro Cidade de Deus não consegue esconder a felicidade e o contentamento em fazer parte da história de tantos brasileiros.

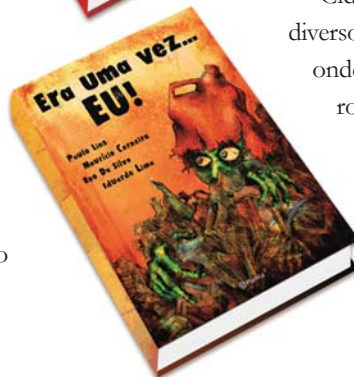
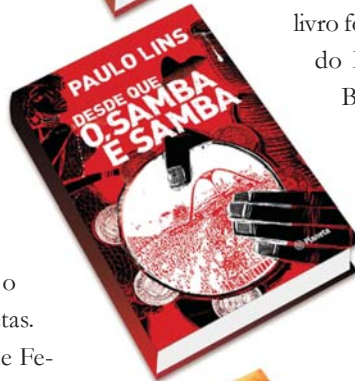
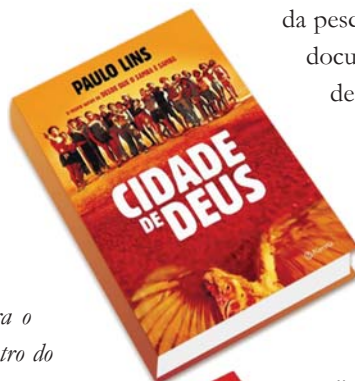
“A gente lutou muito para estar aqui. Para o negro conseguir sua cultura dentro da nação, dentro do conceito de um país, foi muita luta, muita guerra, muita morte. E ela continua.”, disse Lins. “Quando a gente celebra a cultura, a gente está celebrando a nossa maior luta”, completou.

A trajetória de Paulo Lins começa lá mesmo, na Cidade de Deus, onde nasceu. Carioca da gema, desde cedo mostrou interesse pela poesia e pela música, especialmente o samba. Fez parte do grupo Cooperativa de Poetas. Ingressou no curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e nessa época começou a escrever poesias.

Trabalhou como assistente da antropóloga Alba Zaluar, durante a graduação. A pesquisa de doutorado da professora se baseia na criminalidade da Cidade de Deus e Paulo Lins lhe ajudava com os dados desde dentro da comunidade. Com o incentivo

da pesquisadora, em 1986 iniciou um longo trabalho documental para a elaboração do romance Cidade de Deus. Em 1986, publicou seu primeiro livro de poesias Sobre o Sol. Em 1995, recebeu uma Bolsa Vitae de Literatura.

O livro “Cidade de Deus” foi publicado em 1997 e retrata o cotidiano da comunidade e seu crescimento desordenado em meio à luta pelo poder envolvendo a violência e o tráfico de drogas. Em 2002, o livro foi levado para o cinema pelo diretor Fernando Meirelles e Kátia Lund, com roteiro de Bráulio Montovani. O filme elogiado pela crítica foi sucesso de público, recebeu vários prêmios e teve grande repercussão no exterior, sendo destaque no Festival de Cinema de Londres. Recebeu quatro indicações para o Oscar em 2004. Depois do lançamento de Cidade de Deus, Paulo Lins escreveu diversos roteiros para o cinema e a televisão, onde atuou também como diretor. Fez o roteiro para alguns episódios da série Cidade dos Homens, da Rede Globo de Televisão. Fez também o roteiro do filme Quase Dois Irmãos (2004), de Lúcia Murat, que



recebeu o “Prêmio de Melhor Roteiro” da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 2005.

Paulo Lins lançou, em 2002, seu segundo romance, “Desde que o Samba é Samba”. O autor, que começou corrigindo letras de samba-enredo para os sambistas, acabou fazendo os próprios sambas, e procurou resgatar momentos da formação cultural brasileira através do samba e da Umbanda. O cenário do romance é o bairro do Estácio de Sá, local do nascimento do samba carnavalesco.

O mais recente livro de Paulo Lins é “Era Uma Vez... Eu!” (2014), trabalho feito com a colaboração do ilustrador Maurício Carneiro, da atriz circense e cantora Béo da Silva e do designer gráfico Eduardo Lima, reúne poesia e ilustração em uma trama dramática que convida o leitor a refletir sobre a analogia entre o lixo que produzimos e aquele que acumulamos no nosso íntimo. ■



MINISTÉRIO DA CULTURA,
BNDES E FEBRABAN APRESENTAM

FLINKSAMP



5^a

FESTA DO LITERATURA

"Eu quero"

16, 17 E 18 NOVEMBRO

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
DE CABO VERDE



JORGE CARLOS FONSECA

ANGOLA



ANTÓNIO QUINO

CABO VERDE



ARMÉNIO VIEIRA

BRASIL



ARNALDO NISKIER

BRASIL



ÉRICO BRÁS

BRASIL



FERRÉZ

CABO VERDE



FILINTO ELÍSIO

BRASIL



JOSÉ RENATO NALINI

BRASIL



KENIA MARIA

BRASIL



KIUSAM OLIVEIRA

BRASIL



MANTO COSTA

BRASIL



MARCO LUCCHESI

COSTA RICA



SHIRLEY CAMPBELL

BRASIL



SONIA GUIMARÃES

CUBA



TERESA CARDENAS

BRASIL



WALCYR CARRASCO

BRASIL



VERALINDA MENEZES

REALIZAÇÃO:



PARCERIA:



PATROCÍNIO:

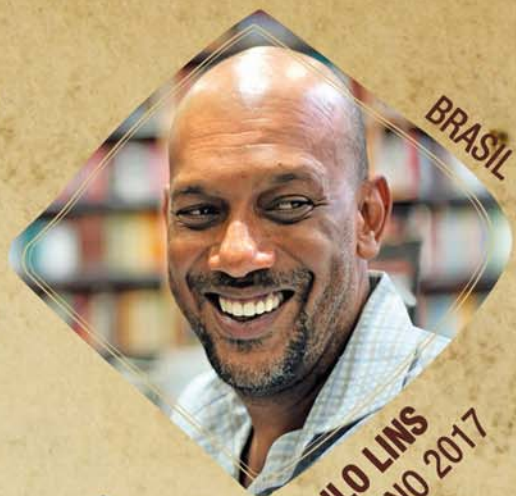


APOIO:



CONHECIMENTO E CULTURA NEGRA *liberdade"*

DAS 10H00 ÀS 20H00



BRASIL
PAULO LINS
PATRONO 2017



BRASIL
CONCEIÇÃO
EVARISTO



BRASIL
DOMICIO
PROENÇA



BRASIL
ELISA
LUCINDA



BRASIL
ELOI
FERREIRA



MOÇAMBIQUE
FRANCISCO
NOA



BRASIL
GABRIEL
CHALITA



BRASIL
GERALDO
CARNEIRO



BRASIL
HÉLIO
DE LA PEÑA



BRASIL
JARÍ
ARRAES



BRASIL
MARIA INÊS
FINI



BRASIL
MARTINHO
DA VILA



BRASIL
MÔNICA
SOUSA



BRASIL
PEDRO
BANDEIRA



BRASIL
SÉRGIO
VAZ

ENTRADA FRANCA

📍 FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES – SP
AVENIDA SANTOS DUMONT, 843 ♦ ARMÊNIA ♦ SÃO PAULO – SP

WWW.FLINKSAMPA.COM.BR

APRESENTAÇÃO:



V Seminário Internacional discute Ética e Estética na Educação

O Observatório do Negro, órgão de pesquisa da Faculdade Zumbi dos Palmares, promoveu nos dias 16 e 17 de novembro, dentro da programação da 5ª FlinkSampa, no campus da Faculdade Zumbi dos Palmares, o VI Seminário Internacional. Nesta edição, o tema proposto foi Ética e Estética associada à Educação Inclusiva no Século 21 – Uma reflexão sobre os avanços da lei 10.639 no contexto acadêmico, cultural, legal e corporativo.

O Seminário, de âmbito internacional, é orientado para a promoção de estudos, debates, intercâmbios culturais e compartilhamentos de pesquisas sobre temas de interesse da população negra e não negra do Brasil, da África pelo mundo. Integrando professores e estudantes, acadêmicos e pesquisadores negros e não negros, centros de investigações governamentais e/ou não governamentais, instituições de ensino fundamental, médio e superior entre outros intelectuais do Brasil e do mundo, preocupados em construir estímulos coletivos para a superação da intolerância, do preconceito e do racismo.

Dividido em mesas temáticas, o

primeiro dia foi repleto de palestras de conteúdo enriquecedor. A primeira mesa discutiu o Empoderamento no Contexto das Políticas Públicas e trouxe palestrantes brasileiros e de Moçambique.

O escritor moçambicano e reitor da Universidade Lúrio de Moçambique, Francisco Noa iniciou a discussão apresentando suas experiências na África do Sul e com a palavra empoderamento. Contou que os negros do *Apartheid* não conseguiram usufruir do real significado dela naquele momento histórico. Eram meados da década de 1950. Em Moçambique, em 1955, a experiência foi um pouco diferente. *“O intuito do governo moçambicano era empoderar 95% da população. O caminho era a alfabetização. Empoderamento que dá a capacidade de pensar. A pessoa que pensa, se arma e resolve as situações com mais facilidade”*, contou ele.

Dr. Noa diz ainda que a pauta atual é a questão de gênero e a violência contra a mulher. *“O governo tem tido iniciativas para empoderar as mulheres. Passamos a ser referência em África. Há ainda muitos desníveis, mas que foi alcançado com o auxílio da sociedade civil e dos órgãos*

mundiais. Empoderamento só faz sentido quando os sujeitos se tornam os agentes da transformação”, conclui o reitor.

Dra. Maria Inês Fini, Presidente do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), fez toda sua fala baseada nos relatórios oficiais do Ministério da Educação e apresentou dados que levavam em conta as informações estatísticas oferecidas pelos diversos relatórios que as instituições levantaram.

O Secretário de Educação do Estado de São Paulo, Dr. José Renato Nalini, discorreu sobre as leis que pegam e as leis que não pegam. Conta o secretário que durante seus 43 anos de trabalho no Judiciário, conseguia perceber as nuances das leis que tiveram aplicação e das leis que não forma efetivamente implantadas.

“A Secretaria de Educação é uma instituição muito complexa e com um número imenso de profissionais/educadores. Temos diversas ações que privilegiam comunidades quilombolas, oferecemos oficinas e treinamentos para docentes afim de inserir o conteúdo proposto às aulas. É preciso sensibilizar os professores”, concluiu Nalini.



Elói Ferreira, José Renato Nalini, Maria Inês Fini, Francisco Noa e Luiz Buzogany.

A última palestra da mesa foi a do Ex-Ministro da Secretaria Especial de Políticas Públicas para a Igualdade Racial (SEPPIR), Elói Ferreira. Focando na importância de buscarmos novas datas e novos heróis que nos deem referências para entendermos que é possível o empoderamento a partir dos exemplos, ele nos apresenta alguns dados.

“Precisamos comemorar as datas vitoriosas relacionadas com a questão negra. 22 de novembro foi o dia da proibição das chibatadas nos marinheiros negros. João Cândido, Revolta da Chibata, em 1910. Por que não se festeja essa data? Essa vitória? Porque um povo com a moral baixa é mais fácil de se dominar”, explica.

Ele ainda completa dizendo que outras datas não são comemoradas por mostrarem o poder do povo negro. *“É necessário, para a manutenção do status quo, manter o negro dentro do estigma de condolente, cordial. O que não é verdade dada a grande quantidade de revoltas que os escravos promoveram”,* diz o ex-ministro.

E conclui: *“O Estatuto da Igualdade Racial obriga o Estado brasileiro a reparar essas atitudes racistas. O sistema de cotas é apenas um das ações afirmativas.*

Precisa ser mais utilizado, mais implementado”, conclui.

O contexto acadêmico e a educação inclusiva no século 21

Em mesa formada por Prof. Dr. Joseph Jones, Coordenador do Instituto Internacional de Pesquisa e Desenvolvimento da FAMU (Florida

Agricultural & Mechanical University), da Flórida/EUA, Profa. Mestre Caroline Jango, Diretora Adjunta de desenvolvimento Comunitário do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Profa. Dra. Valquíria Pereira Tenório, Professora do IFSP (Instituto Federal de São Paulo), membro do núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e Profa. Dra. Dulce Maria



Maria Inês Fini e José Vicente.



Caroline Jango, Valquíria Pereira Tenório, Joseph Jones e Dulce Maria Pereira.

Pereira, da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto).

Dr. Joseph Jones fala dos caminhos trilhados pelos negros norte-americanos na busca pela autonomia e que encontraram na educação a chave para a transformação social. *“A diversidade no Brasil, incluindo aqui a dos povos indígenas, é imensa. Os negros brasileiros precisam tomar para si o desafio e ocupar os espaços nas universidades para, então, estarem prontos para estar em todos os lugares de poder”*, conclui.

A Profa. Ma. Caroline Jango, discorre em sua fala sobre sua pesquisa que deu origem ao livro *“Aqui tem racismo: um estudo das representações sociais e das identidades das crianças negras na escola”*, publicado pela editora Livraria da Física.

“A obra busca ampliar a discussão do racismo na educação levando em conta o olhar da criança sobre essa construção. Trata-se de um livro que visa aproximar o leitor das representações sociais que a criança negra constrói acerca da escola e de si em função do seu pertencimento racial. O trabalho pretendeu dar voz às crianças negras para entender como o racismo, ao qual elas

são submetidas cotidianamente, afeta a construção da identidade delas”, explica.

A professora Dra. Valquíria Pereira Tenório, também apresenta trabalho acadêmico que se transformou em livro pela importância do tema. A obra que nasceu de sua dissertação de mestrado tem o título *Baile do Carmo: memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara*, pela Editora Nandyala.

“Trata-se de minha dissertação de mestrado transformada em livro e versa sobre a temática étnico-racial, discriminação, sociabilidade e identidade por meio da análise de um evento festivo realizado em Araraquara, mas que tem a participação de negros e negras de diversas cidades da região, do Estado de São Paulo e de outros estados brasileiros.” menciona a professora.

E fechando as discussões neste tema, a palestra da Profa. Dra. Dulce



Renato de Oliveira, Raquel Nascimento, Higor Bellini, Raquel Baptista e Humberto Bersani.

Maria Pereira, da UFOP, que toca em pontos fulcrais da educação brasileira. Para ela, a educação que se pretende inclusiva precisa absorver as questões de gênero e raça e não pode reproduzir as visões limitadas e racistas que são, geralmente, propagadas há tempos. Citando a visão que se tem do Continente africano - um ponto de vista que, em geral, foi elaborado por não africanos - a professora lembrou que é preciso um esforço coletivo para que a África seja percebida a partir do ponto de vista dos povos que lá residem.

Ao falar sobre a educação brasileira, Dulce também lembrou que existem muitos interesses econômicos que interferem na qualidade da educação, em todos os níveis, que se pratica hoje no Brasil.

“São as alianças nacionais e internacionais que estão sendo construídas entre educadores, que vão mudar o cenário educacional e que tornarão, de fato, a educação mais inclusiva”, profetisa a professora.

A mediação da mesa foi da Professora Doutora Sonia Guimarães.



O papel dos órgãos legais frente aos desafios do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira

As leis e suas aplicabilidades foram discutidas em alto nível pelos professores. A Profa. Dra. Raquel Nascimento Dias, Coordenadora Geral de Educação para as relações Étnico-Raciais do Ministério da Educação, trouxe uma fala militante de quem tem compromisso profundo com o que se fala e se faz.

Discorrendo sobre o papel da SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão) no Ministério da Educação, apresenta o grande desafio na implantação da lei 10.639: diálogo permanente para trabalhar junto a comunidade de professores e de pais.

De acordo com a professora, o problema na Implementação da lei é o tempo administrativo, a demora na formação de professores e na formação de gestores. Ela alerta que a sociedade deve fazer um controle qualitativo.

“Atualmente, existe uma fiscalização da subjetividade. Nosso projeto de sociedade define as leis que pegam e as que não pegam. As teorias pedagógicas se transformam em tempos de crise e os objetivos também mudam. É essencial que as famílias entendam a importância desse conteúdo e que cobre das escolas a efetivação dessa lei”, alerta.

O Prof. Dr. Humberto Bersani, da Faculdade de Direito da PUC Campinas inicia sua fala fazendo seus ouvintes pensar sobre o real significado do termo Direitos Humanos. É possível, pela via do Direito, mudar a situação do negro? Como isso se dá na Educação? Perguntas provocativas que suscitam a discussão.

“O racismo é estrutural. Nossas instituições, o Estado brasileiro, que não é neutro, se alimenta do racismo e de todas as manifestações dele oriunda. A educação eurocêntrica, em conformidade com o pensamento racista fortalece o poder judiciário que é branco e perpetua a lógica da opressão. É imprescindível olhar o racismo como o centro da lógica de opressão e a sociedade acaba por perpetuar essa forma de opressão”, dispara o professor.



Higor Bellini, Daniel Munduruku e Eliete da Silva Pereira.

Ao final da palestra, Dr. Bersani é categórico: “Não será possível mudar esse quadro sem refundarmos o Estado brasileiro”, conclui.

O mais conhecido por seus ex-alunos, professor Botão explanou sobre suas experiências com o desafio de desenvolver um bom trabalho com as comunidades indígenas e quilombolas.

Autodenominando-se uma “equipe”, o Prof. Me. Renato Ubirajara dos Santos Botão, técnico em Educação Quilombola da Coordenadoria de Gestão de Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, fala dos desafios de ensinar história da África e Cultura afro-brasileira na estrutura escolar do estado de São Paulo.

“Minha ‘equipe’ é formada majoritariamente por mim. Tenho dois auxiliares, mas o que realmente falta é interesse em entender por que a temática é tão importante. Dentro da estrutura da Secretaria, não há apoio para tantas demandas. Mas, com o compromisso que tenho com a história dessas comunidades (minha formação é História), não me deixam esmorecer e con-

tinuo a caminhada apesar das dificuldades”, explica o professor.

Empoderamento nas comunidades indígenas: muitos desafios

“São 307 formas de ver o mundo, de interagir com a natureza, com o Universo”. Assim iniciou a fala do Prof. Me. Daniel Munduruku, homem das letras e defensor da tribo de onde é filho, a

etnia Munduruku, no estado do Pará.

Sua palestra girou em torno do olhar estereotipado que se tem em relação às comunidades nativas do Brasil. Munduruku deixa claro o incômodo com o termo índio que, esclarece ele, minimiza o universo que esses povos guardam como também reforça a memória das violências sofridas no processo colonizador.

“A visão idealizada da nossa cultura, é bem próxima das que usam para falar dos negros e dos bandidos. A ideologia de que o desenvolvimento do Brasil está diretamente ligado à destruição da natureza (Agro é pop – agro é tudo, a destruição em nome do capital), a ideia do bom selvagem, da visão romântica que se tem dos nativos brasileiros, constrói uma cegueira social”, explica Munduruku.

Ele fala ainda que é um erro acreditar que o acesso às novas tecnologias vão tornar os indígenas “aculturados”. “O índio não deixa de sê-lo porque usa roupa, estuda, atua em diversas outras áreas. Trazemos outra visão de mundo, uma visão não capitalista. Vivemos numa sociedade onde não existe fome, abandono



Reginaldo Baptista, Ricardo Sales, Wellington Santos e Adelino Francisco de Oliveira.



Igor Oliveira, Gabriel Chalita e José Vicente.

de crianças, não existem ricos nem pobres. São sociedades construídas sobre o alicerce da ancestralidade”, explica.

Na sequência a Profa. Dra. Eliete da Silva Pereira que desenvolve pesquisas sobre Redes Digitais e Comunicação Indígena. A pesquisa por ela realizada se debruça sobre a utilização das novas tecnologias pelos povos

indígenas. A finalidade é proporcionar protagonismo em relação ao uso das redes.

Dra. Eliete lembra de uma situação em que uma tribo inteira estava ameaçando realizar um suicídio coletivo caso as terras de sua tribo não fossem demarcadas. Era uma forma de se manterem em espírito em suas terras. Foi feita uma campanha na internet que ajudou a resolver a situação e impediu a morte de dezenas de pessoas.

Tanto Eliete quanto Munduruku partilham da opinião e defendem o uso das tecnologias nas aldeias. “O acesso às redes sociais dá ao indígena a possibilidade de fazer net-ativismo. Ali as tradições são renovadas. Eles vão se reinventando. São ligados ao mundo, ao cosmos e o acesso às tecnologias não os tornam menos indígenas”, afirma.

Gabriel Chalita fala sobre os caminhos para educação inclusiva

O ex-secretário municipal de Educação de São Paulo e presidente

da Academia Paulista de Letras, Gabriel Chalita, esteve na FlinkSampa palestrando sobre o tema “Caminhos para uma Educação Inclusiva no Século 21”.

Na ocasião, Chalita disse que um evento como a FlinkSampa é uma oportunidade fantástica para que se discutam caminhos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, pois a reunião de pensadores de vários países e vertentes em encontros que discutem questões como racismo, desigualdade social etc. é instrumento importante para construção da cidadania.

Chalita também disse acreditar que propostas como a da FlinkSampa irão abrir novos caminhos para a comunidade negra e fazer com que surjam novos escritores negros. Por fim, ele ressaltou que na Academia Paulista de Letras, da qual é presidente, há espaço para se debater as questões que envolvem a cultura negra como um todo. ■



CEOs das maiores empresas debatem a inclusão do negro no mercado de trabalho



Da esquerda para a direita, Fabian Gil (Dow), Gaetano Crupi (Presidente da Bristol-Myers Squibb), Marcelo Castelli (Presidente da Fibria), Paula Bellizgia (presidente Microsoft), Raquel Maia (Presidente da Pandora), Theo Van Der Loo (presidente da Bayer) e Sergio Gallindo (presidente da Brasscom).

O Seminário ‘Jornadas da Diversidade’ com o tema ‘A Inclusão Racial, um olhar para o futuro: o papel da iniciativa privada na eliminação do preconceito, viés inconsciente e da discriminação’, promovido pela Faculdade Zumbi dos Palmares e Afrobras, em 16 de novembro, no Hotel Renaissance, em São Paulo, reuniu seis CEOs de empresas de grande destaque no cenário nacional e internacional. A atividade contou com a participação de mais de 250 pessoas.

Atualmente a Iniciativa empresarial pela Igualdade conta com as maiores empresas do país que se tornaram signatárias dos 10 Compromissos com a Promoção da Igualdade, além do Poder Público. São elas: Bradesco, Coca-Cola, Carrefour, Dow, Dupont, Google, Itaú, Microsoft, PWC, Fundação Banco do Brasil, Magazine Luiza, Santander, Unilever, ABBI, Brasscom, Febraban, FECOMERCIOSP, Amprotec, Ministério da Indústria, OAB Conselho Federal, Ministério da Educação, TRT 15ª.

Na ocasião, a empresa SAP assinou a Carta de Compromisso pela Igualdade.

O reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares José Vicente abriu o evento falando sobre a importância do encontro das principais empresas do país em prol da mudança do mercado que favoreça a inclusão do negro. “*A ampliação da presença, a criação de políticas internas de promoção e manutenção dos afrodescendentes nas grandes, pequenas e médias corporações, constitui elemento essencial de modificação do cenário econômico-social no Brasil, superando a resistência às mudanças no cenário das desigualdades raciais*”, afirmou José Vicente.

Na sequência, o desembargador e ex-presidente do TRT, Lourival



José Vicente, Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares e Otávio Brito – Vice-Procurador Geral do Ministério Público do Trabalho.

Ferreira, falou emocionado da sua história, das conquistas e lutas para esta inclusão e, finalizando a abertura, o Vice-Procurador-Geral do Trabalho, Otavio Brito, pontuou que a sociedade deve ser mais participativa.

Em seguida, aconteceu a explanação de Renato Meirelles, presidente do Instituto de Pesquisa Locomotiva, sobre a pesquisa inédita que realizou em relação à participação do negro no mercado de trabalho no Brasil até que chegasse o momento do esperado encontro dos CEOs das principais empresas. Na pauta chamada “A Voz dos Presidentes”, a mesa contou com a participação de Rachel Maia, presidente da Pandora; Paula Bellizia, presidente da Microsoft; Theo Van Der Loo, presidente da Bayer; Gaetano Crupi, presidente da Bristol-Myers Squibb; Fernando Fernandez, presidente da Unilever; Marcelo Castelli, presidente da Fibria e Sergio Paulo Galindo, presidente da BRASSCOM.

Todos os seis CEOs concordam que inclusão social é um movimento que só ganha força e espaço se vier



Fátima Gouveia – Superintendente Executiva do Santander.



Anderson Pereira –
Diretor Geral Universia.



Rita Nascimento – MEC.

de cima para baixo e não ficar restrito a ações pontuais do setor de RH. “Deve ser como um farol iluminando os barcos que estão atracando no porto”, diz Gaetano Crupi, presidente da Bristol-Myers, que disse ainda que, na sua gestão as mulheres são a grande maioria nos cargos de gerência e diretoria e que trabalha com muito afinco a questão da inclusão do negro.

O gestor precisa se mostrar, como Theo Van Der Loo, presidente da Bayer, definiu ao afirmar: “É importante os funcionários verem o CEO falando de forma genuína sobre inclusão, sobre contratarmos negros. Elas se inspiram”. Não que tenha sido ou já seja uma tarefa fácil. “A Bayer não é perfeita, existe gente racista. Muitos gestores acham legal o que estamos falando, mas pensam: “ah, o outro gestor vai contratar o negro, eu não preciso fazer isso... Deve ser o oposto, porque se cada vez mais empresas contratarem mais, conseguiremos acabar com a desigualdade racial”.

Já Paula Bellizia, presidente da Microsoft, disse que é possível desenvolver um comportamento mais inclusivo e que isso deve acontecer dentro de casa com a educação dos filhos, ao desenraizar certos conceitos e descartar o que ela definiu como “vieses inconscientes”. “Precisamos treinar mais pessoas para falar de diversidade nas empresas. Temos de eliminar esses vieses que carregam preconceito e, às vezes, nem percebemos”.

O CEO da Dow na América Latina, o argentino Fabian Gil, enfatizou o seguinte: “Tem aquele mito do negro não ser preparado. Mas, me diz o que é ser preparado? Se encontrarmos candidatos com inteligência emocional, coragem, que exploram os limites, mas que não falam inglês, posso ensinar, diante de tantas habilidades, isto é o mais fácil”, diz Gil. Fabian de-



Da esquerda para a direita, John Jansen – DuPont, Raissa Lumack – Vice-presidente de RH Coca-Cola, Vanessa Lobato – Vice-presidente RH Santander, Newman Debs – VP Jurídico Unilever.



Da esquerda para a direita, Elisabete Rello - Diretora RH Bayer, Glaucimar Peticov - Diretora RH Bradesco, Sandra Morais - Gerente RH Cargill, Simone Bianche - Diretora RH Dupont Jorgete Lemos - diretora ABRH.



Da esquerda para a direita, Jane Graziiele - Diretora Microsoft, Rafael Brazão - RH Totvs, Elaine Pinheiro - CEO Organização Recode, Cintia Bortotto - Diretora RH Stefanini, Flávia Silva - Líder Tecnologia IBM, Débora Souza - Gerente Projetos IBM, Carla Machado - Líder Pedagógica IOS.



*Da esquerda para a direita, Valdirene de Assis – Procuradora do MPT
Mylene Ramos – Juíza Federal do Trabalho, Fernando Pinheiro Pedro – Pinheiro Pedro
Advogados, Roberto Livianu – Procurador MPT, Eduardo Valério – Promotor de Justiça.*



*Denis Tassitano – Diretor Vendas
Sap e José Vicente - Reitor.*

fendeu ainda que ações concretas que visam inclusão e diversidade, só acontecem quando existe comprometimento pessoal dos gestores. No caso da Dow, ele estabeleceu como meta pessoal de seu legado atingir 30% de funcionários negros. Atualmente, são 20%, mas somente 8% destes trabalham em escritórios. O restante está locado nas fábricas. “É algo que está na minha mão”, diz.

Os presentes foram então desafiados pelo mediador, Renato Meirelles, a falarem sobre como mudar a situação do negro no mercado de trabalho. A primeira a responder foi Rachel Maia, CEO da Pandora, única negra na mesa, que disse “se a empresa não oferecer oportunidade, a dica é ir e quebrar a cara mesmo” e acrescentou: “Uma hora, uma empresa vai ter que te aceitar, assim como tiveram que me aceitar”. Rachel é hoje uma das executivas mais admiradas quando se fala de inclusão e diversidade. Ela é um case de sucesso. Afinal, como gosta sempre de lembrar, representa “0,4% do universo de presidentes que são mulheres negras” e, durante o seminário, ela sugeriu que todos que fazem parte da cúpula do corporativo transformem a sua visão afirmando: “precisamos pensar grande e nos organizar”.





finksampa

Da esquerda para a direita, Roberto Livianu - Procurador MPT, Humberto Adami - Presidente da Comissão da Verdade da Escravidão da OAB, Amanda Gandolfo - Marketing Unilever.



Sobre os Compromissos da Empresa pela Igualdade

A Iniciativa Empresarial pela Igualdade listou 10 Compromissos da Empresa com a Promoção da Igualdade. Para favorecer a construção de um plano de ação nas empresas, foram sugeridos indicativos de ação ou diretrizes gerais relacionadas a cada um dos Compromissos. Esses indicativos podem e devem ser transformados em indicadores, assim como podem ser estabelecidas metas e um cronograma dentro de um plano de ação geral ou específico para cada item. Por exemplo:

1. Comprometer-se com o respeito e a promoção da igualdade

* Articular-se com outras organizações

A alta liderança da empresa deve articular-se com stakeholders, outras empresas, governos, organizações e lideranças da sociedade civil, no diálogo em torno da promoção da igualdade racial, fortalecendo os programas e ações efetivas.

2. Promover igualdade de oportunidades e tratamento justo a todas as pessoas.

*Metas para inclusão de profissionais negros

Estabelecer metas específicas para a inclusão de profissionais negros em processos de recrutamento e seleção para vagas ou para promoção e carreira na em-

Após a explanação de todos os CEOs, foi anunciado por Anderson Pereira, diretor geral da Uniersia Brasil, a criação de um Portal que inclui o 'Banco de Talentos', uma Plataforma de Ensino, Banco de Negócios – Incubadora e Aceleradora.

Ao longo do seminário, as mesas continuaram apresentando cases de sucesso e debatendo mudanças que as empresas estão realizando, bem como trocando

experiências para novas ações afirmativas que precisam ser tomadas para a inclusão do negro.

O Projeto iniciativa Empresarial pela Igualdade é uma plataforma de articulação desenvolvida e liderada pela ONG Afrobras e pela Faculdade Zumbi dos Palmares, em parceria com a iniciativa privada para abordar de forma ampla o tema da diversidade étnico-racial no mercado de trabalho. ■

presa, realizando ações afirmativas para e ampliar a participação do segmento no mercado de trabalho, priorizando, sobretudo, jovens negros e mulheres negras.

3. Promover ambiente respeitoso, seguro e saudável para todas as pessoas.

* Implantar ou aprimorar canal de reclamação

Implantar ou aprimorar canal de reclamação de empregados(as) considerando a diversidade racial, a vulnerabilidade de alguns segmentos da população a práticas de discriminação e as necessidades específicas de capacitação dos operadores do canal para lidar com as especificidades da discriminação racial.

4. Sensibilizar e educar para o respeito e a promoção da diversidade racial.

* Realizar eventos

Realizar eventos internos ou apoiar eventos da comunidade relacionados à diversidade racial, dando visibilidade ao tema, aos empregados, às autoridades e lideranças da sociedade que representam a busca por avanços na promoção da igualdade racial.

5. Estimular e apoiar a criação de grupos de afinidade sobre diversidade racial.

* Formalizar participação do grupo no sistema de gestão

Formalizar criação ou existência do grupo no sistema de governança

das ações de valorização da diversidade ou outros sistemas de gestão da empresa, garantindo que os diagnósticos, proposições e planos de ação sejam considerados institucionalmente, sobretudo pela alta liderança.

6. Promover o respeito à diversidade racial na comunicação e marketing.

* Inserir mensagens positivas na comunicação e marketing da empresa

Inserir mensagens positivas sobre diversidade racial na comunicação e marketing da empresa, com uso de imagens, falas e situações que valorizem as pessoas de diferentes segmentos da população e a importância de se promover a igualdade racial na sociedade.

7. Respeitar e promover a diversidade racial no planejamento de produtos, serviços e atendimento a clientes.

* Planejar produtos e serviços considerando o segmentos étnico-raciais da população.

Considerar as perspectivas, expectativas e demandas específicas dos diferentes segmentos étnico-raciais da população no planejamento de produtos e serviços, sempre que se mostrar viável e respeitoso para com seus direitos.

8. Promover ações de desenvolvimento profissional para se alcançar a igualdade racial no acesso a oportunidades de trabalho e renda.

* Criar mecanismos internos visan-

do ao desenvolvimento na carreira dos empregados(as) de segmentos historicamente discriminados

Criar mecanismos internos, como coaching ou mentoring, entre outros, para favorecer o enfrentamento de barreiras que impedem ou atrapalham o desenvolvimento dos empregados(as) destes segmentos étnico-raciais na carreira.

9. Promover o desenvolvimento econômico e social na cadeia de valor dos segmentos étnico-raciais em situação de vulnerabilidade e exclusão.

* Apoiar o fomento econômico a empreendedores dos segmentos historicamente discriminados, sobretudo a população negra.

Estabelecer parcerias, patrocínios, incentivos e/ou eventos com organizações de fomento econômico e apoio a empreendedores para que considerem os segmentos historicamente discriminados, sobretudo a população negra, em seu planejamento e atividades.

10. Promover e apoiar ações em prol da igualdade racial no relacionamento com a comunidade.

* Realizar ou apoiar eventos que promovem a diversidade racial como valor na sociedade

Incentivar, apoiar ou oferecer patrocínio a eventos que promovem igualdade racial, o valor da diversidade racial e os direitos humanos de segmentos étnico-raciais historicamente discriminados.



ve

Tradição, qualidade e inovação

A EMS cuida da saúde dos brasileiros há mais de 50 anos. Com grandes investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento, vem trazendo inovação, qualidade e acessibilidade a medicamentos para toda a população.

Abra as portas da sua casa para a maior indústria farmacêutica do Brasil.

SAÚDE
QUE VOCÊ MERECE.



Sua saúde merece



Troféu Raça 15 anos

troféu raça negra



Negra de festa

troféu raça negra





O momento é sempre de alegria, confraternização, gratidão. Há muitos anos que o ritual se repete no dia da cerimônia de entrega do Troféu Raça Negra.

Pontualmente às 18h, os convidados do evento, todos em seus trajes de gala, se reúnem no hall do hotel e fazem um brinde à amizade, ao reconhecimento do nosso valor como negro, a nosso herói Zumbi dos Palmares. Logo após, entram todos nos luxuosos carros e, acompanhada de batedores, sai a carreta rumo à Sala São Paulo, um dos mais imponentes locais de eventos na capital paulista.



troféu raça negra













troféu raça negra

Bradesco

Brasil

afrobras
Inclusão e Empoderamento Afrobras

Bradesco

EMS

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Santander
UNIVERSIDADES





A Sala São Paulo foi o palco da debutante festa do Troféu Raça Negra. Em sua décima quinta edição, a homenageada da noite foi a Pérola Negra, Zezé Motta. Num palco inundado de luz e cor, a festa que aconteceu na noite do dia 20 de novembro foi tão glamourosa quanto é sempre o Oscar da Comunidade Negra.

Neste dia, ativistas, gestores, artistas e personalidades que escrevem a história do povo negro no cenário internacional tiveram o reconhecimento de um trabalho que envolve sempre muita luta e dedicação. Na ocasião, negros e não negros que militam em prol da igualdade por meio de ações afirmativas ou através de seu próprio exemplo de sucesso, também estiveram presentes.



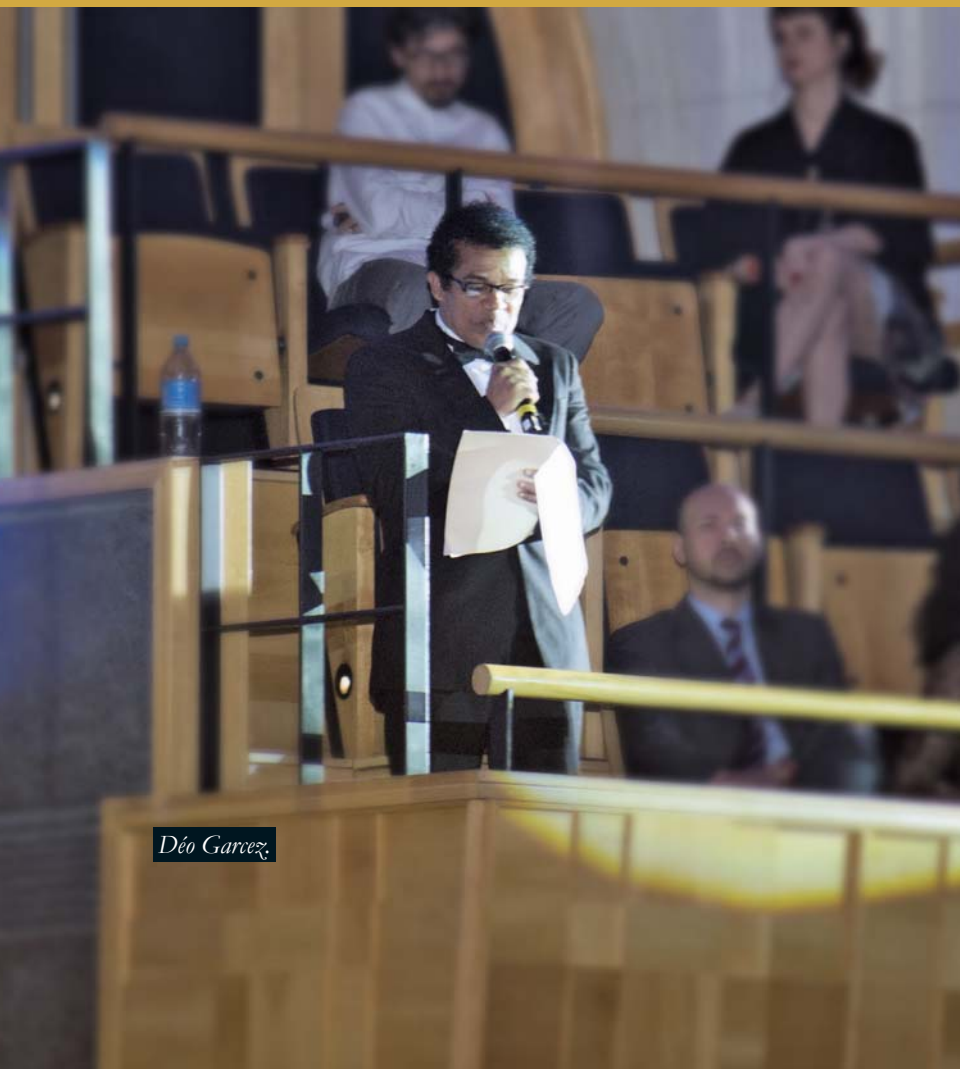
Rappin Hood e Pathy DeJesus.



Todas as atividades da noite de premiação foram conduzidas pelo casal de apresentadores Rappin' Hood e Pathy DeJesus e, tanto o rapper, quanto a modelo, abrilhantaram a noite de comemoração do Dia da Consciência Negra com muito bom humor. A direção geral do Troféu foi de Eduardo Acaiabe, ator, diretor e produtor cultural, que dirige há dois anos a solenidade de premiação do Troféu Raça Negra. E a musical de Guilherme Kastrup. A edição 2017 também teve como orador o Presidente de Cabo Verde, Jorge Calos Fonseca, também premiado com o Troféu Raça Negra. O chefe de estado falou sobre a relação do Brasil com o seu país e também sobre a necessidade de se combater o racismo, pois, segundo ele *“democracia não rima com racismo”*.



Jorge Carlos Fonseca.



Déo Garvez.

Já o Reitor José Vicente, idealizador da Afrobras (Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural) responsável pela primeira instituição de ensino superior do país dedicada à formação de negros, a Faculdade Zumbi dos Palmares, sediada em São Paulo, iniciou seu discurso lembrando que a cerimônia é a oportunidade de se ver *“o negro aplaudindo e prestigiando outro negro”*.

Em relação aos homenageados, estes atuam nas mais diversas áreas, desde educação e cultura, até a área da saúde e o mercado corporativo.

A premiação aconteceu em três blocos e entre as apresentações artísticas que compuseram o tributo à homenageada principal, Zezé Motta. Durante a cerimônia, poesias foram recitadas por um time de intérpretes que incluiu nomes como o dos atores



Maria Ceíça.



Maria Gal.



Romeu Evaristo.

Déo Garcez e Romeu Evaristo; das atrizes Maria Ceíça e Maria Gal que, por sua vez, deram vida aos textos dos escritores Sérgio Vaz, Souza Anamari, Aline Djokic e Conceição Evaristo e também do compositor e amigo pessoal da homenageada, Luiz Melodia.

O músico, aliás, esteve presente durante todo o evento devido à importância que teve na carreira e na vida de Zezé Motta. Representado por seu filho, Mahal Reis, Luiz Melodia também recebeu *in memoriam* o Troféu Raça Negra, foi entregue pela Presidente do evento, Francisca Rodrigues à esposa Jane Reis, Hiram Athayde Oliveira e à irmã Vania Fernandes Esteves. E, ao lado da cantora baiana Xênia França, Mahal interpretou a canção “Magrelinha”.





Francisca Rodrigues, Mahal Reis, Vania Esteves, Jane Reis e Hiram Oliveira.



Mahal Reis e Xênia França.



Durante a celebração, as religiões de matriz africana foram lembradas com a apresentação do grupo paulista Ilú Obá De Min. O bloco, formado por mulheres ritmistas, surgiu no fundo da sala de concerto simultaneamente à exibição em um telão, de um vídeo que mostrava representantes de líderes de outras crenças religiosas. O objetivo desta apresentação foi discutir a necessidade de que haja mais tolerância religiosa.

A cerimônia também contou com a presença do Secretário da Cultura do Estado de São Paulo, Luiz Penna, e ainda participaram do ato solene que antecedeu o Hino Nacional (interpretado por Diego Lima, revelação do coral da Faculdade Zumbi dos Palmares), a Ministra interina da Educação, Maria Helena Guimarães, e o vice-presidente do Banco Bradesco, André Cano.

Após o hino, os primeiros premiados foram a fundadora da empresa



TROFÉU

Raça Negra



Maria Helena Guimarães, José Vicente, Luiz Penna e André Camo.



Diego Lima, cantando o hino nacional.



Ivan Renato de Lima.

'Beleza Natural', Zica Assis, responsável por difundir e valorizar os cabelos crespos. Hoje sua empresa é uma das maiores redes de salões de beleza do.

Em seguida, foi a vez da primeira aluna cotista na Faculdade de Medicina de Jundiaí, Dra. Karen Eloise de Andrade Firne, proveniente do programa "Mais Negros nas Universidades" da Afrobras, receber a estatueta. Depois, a Coronel Helena dos Santos Reis, a primeira negra a atuar como Secretária Chefe da Casa Militar e Coordenadora Estadual de Defesa Civil do Estado de São Paulo, nomeada pelo governador Geraldo Alckmin, também receberia uma estatueta.

Em seguida, o publicitário Paulo Rogério Nunes, empreendedor e cofundador do Instituto de Mídia Étnica do Portal Correio Nagô e também criador do empreendimento Vale do Dendê, recebeu seu troféu. Depois, o representante da comunidade judaica, Floriano Pesaro, ativista no combate à intolerância e discriminação racial; o Secretário Nacional dos Direitos da



troféu raça negra



Marco Pellegrini e Floriano Pesaro.



Ivan Lima, Floriano Pesaro, Paulo Rogério Nunes, Coronel Helena dos Santos Reis, Karen Eloise Forner e Zica de Assis.

Pessoa com Deficiência, Marco Pellegrini; o prefeito regional do bairro de Pirituba (SP), Ivan Renato de Lima; também foram agraciados com troféus que foram entregues por Josemara Tsuruoka, representante da empresa patrocinadora do evento, EMS.

Já no segundo bloco, receberam as estatuetas que foram entregues pelo escritor Paulo Lins, o empresário João Saad, presidente do grupo Bandeirantes, empresa parceira na divulgação e valorização de temas relacionados aos negros brasileiros; o ator, escritor, cantor e artista revelação mais premiado do ano pela Rede Globo de Televisão, Ícaro Silva; o cartunista Maurício de Sousa, bem



Coral Zumbi dos Palmares.



João Saad.



Jeremias e Maurício de Sousa.



Ícaro Silva.

como sua criação, o personagem negro Jeremias, da Turma da Mônica.

Dois reitores também receberam a estatueta neste bloco: Marcelo Knobel, da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), e Marco Antônio Zago, da USP (Universidade de São Paulo), em razão dos programas de cotas para negros que foram criados por ambos nos respectivos quadros acadêmicos e nos processos seletivos das Universidades que gerenciam.

Ainda foram homenageadas: Dandara Mariana, atriz e bailarina; Rachel Maia, CEO do grupo Pandora e única negra brasileira em uma posição como esta; Ismael Ivo, Chefe do Balé do Theatro Municipal de São



Marcelo Knobel.



Dandara Mariana.



Ismael Ivo.

troféu raça negra



Maurício de Sousa, Paulo Lins e Marco Antônio Zago.



Rachel Maia.



Jorge Carlos Fonseca, Ismael Ivo, Rachel Maia, Dandara Mariana, Maria Helena Guimarães e Ilma Horta Pinto (aluna da Zumbi).



As Bahias e a Cozinha Mineira.





Diego Lima, Pathy DeJesus e Zezé Motta.

Paulo, e Maria Helena Guimarães, Ministra interina da Educação. O terceiro bloco de premiações sucedeu a apresentação da música “Pérola Negra”, de autoria de Luiz Melodia, feita pela banda ‘As Bahias e a Cozinha Mineira’.

No encerramento da cerimônia, após a entrega do troféu para a homenageada do ano, Zezé Motta, o cantor Criolo cantou o grande sucesso que marcou a biografia de Zezé Motta: a música “Senhora Liberdade”, um samba que se tornou emblemático por falar sobre liberdade e amor a terra. Em sua apresentação, Criolo também declamou um poema sobre desigualdade racial. ■



Zezé Motta.

Mestres de Cerimônia
Pathy Dejesus - Rappin Hood



SABE O QUE FEZ
A GENTE SER ESCOLHIDO
O MELHOR BANCO DO PAÍS,
DA AMÉRICA LATINA
E DO MUNDO?
O QUE A GENTE FAZ POR VOCÊ.



A revista The Banker
elegeu o Santander
o Banco do Ano
no Brasil, na
América Latina
e no mundo.
São reconhecimentos
à nossa maneira
de nos relacionarmos
com os clientes, à
experiência global
do banco e ao uso
inovador de tecnologia,
com iniciativas
que mudam as coisas.
E são reconhecimentos
a tudo o que
a gente já fez e vai
continuar fazendo.

Troféu Raça Negra 2017

Condecorados com a estatueta do Troféu Raça Negra 2017

(por ordem alfabética)

Coronel Helena Reis - Secretária Chefe da Casa Militar e Coordenadora de Defesa Civil do Estado de São Paulo

Dandara Mariana - Atriz

Floriano Pesaro - Secretário de Desenvolvimento Social do Estado de SP

Heloisa de Assis / Zica de Assis - Fundadora do Instituto Beleza Natural

Ícaro Silva - Ator

Ismael Ivo / Bailarino Negro - Teatro Municipal de SP

Ivan Lima - Subprefeito de Pirituba, SP

João Saad - Presidente da Rede Bandeirantes de TV

Jorge Carlos Fonseca - Presidente de Cabo Verde

Karen Eloise de Andrade Forner - Médica

Luiz Melodia - *In memoriam*

Marcelo Knobel - Reitor Unicamp

Marco Antonio Zago - Reitor USP

Marco Pellegrini - Secretário Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência

Maria Helena Guimarães - Ministra da Educação em Exercício

Mauricio de Sousa - Cartunista

Paulo Rogerio - Jornalista

Rachel Maia - CEO Pandora

Zezé Motta - Atriz e Cantora



TROFÉU

Raça Negra

2017



ZEZÉ MOTTA

“ Desde que soube que seria homenageada, não consigo definir o que sinto. Quando entrei no movimento negro, queria preparar o mundo para meus filhos e netos. Sinto nessa hora, muita alegria, muita emoção. Um prêmio desses é muito importante para continuar a luta. ”

Homenageada no Troféu Raça Negra 2017.

TROFÉU

Raça Negra



CORONEL HELENA REIS

“ A filha do Seu Dominginhos e da Dona Lídia chegou onde eles desejaram e são eles que estão ganhando esse troféu hoje. Minha mãe foi meu grande exemplo e sempre me estimulou a ler. Sou quem sou por eles. ”

Secretária Chefe da Casa Militar e Coordenadora Estadual de Defesa Civil do estado de São Paulo.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

2017



DANDARA MARIANA

“ Que surpresa boa! O troféu faz o dia ser ainda mais especial. Ter feito a novela “A Força do Querer” foi de fato um presente, mas minha vida é um presente. Sou nascida de parto normal, a 13 de maio e me chamo Dandara. Esse prêmio para mim é um chamado para a luta contra o preconceito. ”

Atriz e bailarina.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

2017



FLORIANO PESARO

“Obrigado a todos que lutam juntos porque juntos somos mais fortes. Não é fácil transformar uma sociedade calcada na diferença. Ainda estamos longe de sermos uma sociedade justa, mas estamos caminhando. Se o Brasil não for para todos, não será para ninguém.”

Secretário de Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

2017



ZICA DE ASSIS

“ Importante vermos aqui o empoderamento da mulher. Aos 25 anos do Beleza Natural me sinto orgulhosa. Obrigada por este prêmio. A festa está apenas começando. ”

Fundadora do Instituto Beleza Natural.

TROFÉU

Raça Negra

2017



ÍCARO SILVA

“Hoje é um dia de celebração. A consciência tem que ser diária. A minha energia é de festa. Estamos todos misturados e esse é o novo mundo. Estou me sentindo muito importante por receber esse prêmio que celebra a Igualdade. Eu agradeço demais. Todos vocês me inspiram. Quando somos negros e nos sentimos deslocados, percebemos o preconceito. É a ignorância que traz o ódio. Todos nós somos África, todos nós somos Zumbi!”

Ator.

TROFÉU

Raça Negra

2017



ISMAEL IVO

“ Quando recebi do Ministro Jucá o prêmio de honra do mérito Cultural, não me reconheci. Com o prêmio de hoje eu me reconheço. Quando me perguntam como me sinto sendo o primeiro diretor de ballet negro no Teatro Municipal de São Paulo, explico que a dança me move. Mas minha inspiração vem das mulheres. Minha avó me dizia para não pedir licença, era para ir e entrar. Mas também me dizia que somente o esforço fazia o sucesso chegar. E agora, ele chegou! ”

Chefe do Ballet do Teatro Municipal de SP.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

2017



IVAN RENATO DE LIMA

“ Receber esse prêmio me faz refletir como Zumbi viveria nos dias de hoje. Ficaria surpreso como ainda nos subjugam. O sonho do menino Ivan se tornou realidade. Não vamos nos calar diante de tanto racismo e queremos que viva a nossa juventude negra. Zumbi, hoje, somos nós! ”

Prefeito regional de Pirituba, SP.

TROFÉU

Raça Negra

2017



JOÃO SAAD

“ O que faz a diferença é o dia a dia. Todos os programas da TV Bandeirantes falam do negro de maneira natural. O que queremos é que todos os meios sejam representativos, já que nossa sociedade é diversa. ”

Presidente da Rede Bandeirantes de TV.

TROFÉU

Raça Negra



JORGE CARLOS FONSECA

“ Recebo este prêmio em nome do meu país e pela proximidade de Brasil e África. Estou impressionado com o trabalho da Afrobras e com a Faculdade Zumbi dos Palmares. Aprendi muito sobre ser negro no Brasil nesses dias em que estive participando dos eventos da Zumbi dos Palmares e fiquei surpreso com essa situação difícil em que vivem os negros ainda nos dias de hoje. ”

Presidente da República de Cabo Verde.

Troféu Raça Negra

TROFÉU

Raça Negra

2017



KAREN ELOISE A. FORNER

“Estou lisonjeada e muito feliz pela conquista do Troféu Raça Negra, que dedico à minha família e agradeço imensamente ao Grupo Zama e a Afrobras por todo apoio.”

Médica.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra



LUIZ MELODIA

In memoriam

“ Só podemos dizer muito obrigada. A emoção é grande. ”
Vânia Esteves, Jane Reis, Mahal Reis e Hiran Oliveira.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

2017



MARCELO KNOBEL

“ Este troféu representa o esforço da Universidade de Campinas na transformação social a partir da Educação. ”

Reitor da Unicamp.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

2017



MARCO ANTONIO ZAGO

“ Entendo receber o troféu em nome da Universidade de São Paulo. Ele é a representação de nosso compromisso com a educação. ”

Reitor da USP.

TROFÉU

Raça Negra

2017



MARCO PELLEGRINI

“ Saudação especial aos que me escolheram para ganhar esse prêmio. Vimos fazendo esse trabalho há muito tempo. Somente dois povos no Brasil que estão fadados ao abandono: os negros e os deficientes. Já alcançamos muito e podemos muito mais. Salve Ogum, salve Jorge, salve Zumbi! ”

Secretário Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

TROFÉU

Raça Negra

2017



MARIA HELENA GUIMARÃES

“ É para mim uma grande honra receber este prêmio. Acredito que estou aqui representando a educação. É muito difícil trabalhar com educação com a desigualdade como entrave. Vamos continuar a lutar para acabar com a intolerância nas escolas. Somos uma democracia plural e diversa. A diversidade está na alma do nosso povo. ”

Ministra interina da Educação.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra
2017



MAURICIO DE SOUSA

“ Logicamente é uma grande emoção receber esse troféu. Fazemos quadrinhos, criamos personagens negros e contribuimos para a inclusão, buscando progresso social. Buscamos fazer tudo com muita responsabilidade e carinho, para que não haja nenhum mal estar. ”

Cartunista.

troféu raça negra

TROFÉU

Raça Negra

2017



PAULO ROGÉRIO NUNES

“ Foi com muita honra que recebi o Troféu Raça Negra. Tenho uma grande admiração pela Faculdade Zumbi dos Palmares e seu importante legado para a comunidade negra e fiquei feliz em ser escolhido para essa homenagem. Quando estive com Barack Obama, em outubro, fiz questão de dizer a ele que a nossa diversidade racial ainda é pouco valorizada aqui no Brasil, mas que ela é o nosso grande ativo. Esse prêmio é muito importante por reconhecer isso e colocar os afro-brasileiros em destaque. ”

Cofundador da Aceleradora Vale do Dendê.

TROFÉU

Raça Negra

2017



RACHEL MAIA

“ Que no ano que vem eu não seja mais a única presidenta negra em uma empresa global. Que nos aceitem por merecimento, por qualidade. Que minha face negra seja inspiração. ”

CEO da Pandora Joalherias.

história de vida

Zezé Motta, nascida em Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro, carrega o nome de batismo Maria José Motta de Oliveira. Estudando até os 12 anos em um colégio interno, foi nas atividades escolares que teve seu primeiro contato com os palcos. O teatro fazia parte do currículo e foi ali, nas festas e comemorações, que seu amor pelo palco nasceu.

Na verdade, a arte já estava no DNA de Zezé. Seu pai, músico erudito, não conseguia viver exclusivamente de sua arte e para complementar sua renda era motorista. Zezé lembra das longas horas de estudo do pai e também do quanto era rígido e comprometido com seus alunos. Não entendia o por quê de tantas repetições até que iniciou aulas de piano. Entendeu ali que a arte exige muito estudo e dedicação. A mãe, costureira, era uma grande incentivadora.

Início da carreira

Com uma bolsa de estudos na Escola de Teatro Tablado, no Rio de Janeiro, Zezé Motta buscou a formação para seguir seu caminho artístico. Foi convidada para participar de um teste e passou. Nem imaginava que ali começaria sua linda trajetória de su-

cesso. Estrelou, em 1967, na peça Roda-Viva escrita por Chico Buarque e dirigida por Augusto Boal.

Ali foi sua verdadeira escola. Viajou pelo mundo em tempos de ditadura apresentando Arena Conta Zumbi e Arena Conta Bolívar, que era proibido apresentar no Brasil. Conheceu os Estados Unidos com o grupo Arena e foi nesta viagem que descobriu sua negritude.

Foi em atividade com os Panteras Negras quando inquirida por um membro sobre seus cabelos alisados, que Zezé pode perceber o quanto era atingida pelo racismo à brasileira. Neste mesmo dia, e vendo homens e mulheres com seus cabelos naturalmente crespos, que decidiu não alisá-los mais. Em seu quarto de hotel, lavou insistentemente até que seus cabelos, esticados pela chapinha, encaracolassem ao máximo. Foi um ato político e libertador.

Tornando-se uma referência no universo dos atores negros à época, Zezé protagonizou aquele que seria o filme que mudaria de fato sua vida. Em 1976, ela foi a escrava Xica da Silva. Mexeu com a imaginação de homens e mulheres no mundo inteiro e consagrou como símbolo sexual. Conheceu 13 países onde o filme foi apresentado.



Trabalho no estímulo de atores negros

Zezé Motta é presidente de honra do CI-DAN (Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro), responsável por criar o primeiro banco de dados de artistas negros no país, e também ocupou, por dois anos, o cargo de superintendente da Igualdade Racial do governo do Rio de Janeiro.

A cantriz, como se intitula, acredita que a arte é uma ferramenta para o enfrentamento da desigualdade de gênero e contra a discriminação racial. Ela acredita que a arte é uma ferramenta forte, porque tem o sentido da palavra em si. É a palavra que dá a oportunidade de cobrar, fazer denúncias, de encenar situações que não são justas. Ela acredita que a arte dá visibilidade para os negros e é

importante para a autoestima dos mais jovens. *“E não somente para o ator [negro], mas para o médico, o engenheiro, o arquiteto...”*, diz ela.

Pela importância da arte em sua vida e por perceber que ela de fato tem o dom de transformar, Zezé encampou a luta pela criação de espaços para os atores negros. E assim nasceu o Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro (CIDAN). O Centro nasceu dos questionamentos de profissionais negros pela invisibilidade na mídia. Questionavam as emissoras, os autores do por quê não haver papéis para atores negros e a desculpa que davam era que não tinham conhecimento de tais atores. *“Foi daí que surgiu a ideia de montarmos um banco de dados para facilitar o contato”*.

Trabalhos atuais

O ano de 2017 está sendo para Zezé Motta bastante rico. Foi enredo da escola de Samba Acadê-

micos do Sossego, no Carnaval do Rio de Janeiro. Atualmente, está no ar, como uma mãe quilombola na novela de Walcyr Carrasco, Do outro Lado do Paraíso, na Rede Globo. Mas, como ela está para além de todos os limites, em breve estreará nos cinemas com o filme “A Comédia Divina”, onde a atriz será Deus e travará uma luta épica contra o Diabo, vivido por Murillo Rosa.

Homenagem no Troféu Raça Negra

Em todas as entrevistas, ao ser

questionada sobre ser a homenageada do Troféu Raça Negra, Zezé se diz emocionada.


“É uma emoção, uma alegria do tamanho do mundo. E é importante também pra gente que luta por uma causa tão terrível no Brasil que é a questão da discriminação, do racismo, da desigualdade. É importante esse tipo de reconhecimento, esse tipo de homenagem, porque toda vez que me chamam pra fazer uma palestra sobre a questão do negro eu fico me perguntando: ‘Meu Deus, até quando a gente vai se reunir para falar sobre esse assunto. Infelizmente a gente tem uma sensação de estar avançando, avançando, avançando e de repente você se depara com situações realmente dolorosas, chocantes, como tem acontecido de artistas serem perseguidos e atacados pelas redes sociais, os nossos atletas sendo agredidos durante o exercício do seu trabalho, nos campos de futebol, de atletismo...” ■



Luiz Melodia

† 07/01/1951

★ 04/08/2017



Luiz Carlos dos Santos, mais conhecido como Luiz Melodia, cantor e compositor brasileiro de MPB, rock, blues, soul e samba. Filho do sambista e compositor Oswaldo Melodia, de quem herdou o nome artístico, cresceu no morro de São Carlos no bairro do Estácio (RJ).

Foi casado com a cantora, compositora e produtora Jane Reis de 1977 até sua morte.

Lança seu primeiro LP em 1973, Pérola Negra. No “Festival Abertura”, competição musical da Rede Globo, consegue chegar à final com sua canção “Ébano”. Em 2015, ganhou o 26º Prêmio da Música Brasileira na categoria Melhor Cantor de MPB.

NÚCLEO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Se você foi ou conhece
alguém que tenha
sido vítima de
discriminação racial
procure o Curso de Direito da
Universidade Comunitária
Zumbi dos Palmares.

ORIENTAÇÃO - INFORMAÇÃO - PALESTRAS - CONSULTORIAS
PROCESSOS ADMINISTRATIVOS E CRIMINAIS
TODA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇO É GRATUITA

Atendimento: Segunda à Sexta das 16:00 ÀS 19:00
Av. Santos Dumont, 843 (antigo Clube de Regatas Tietê) - SP
Tel.: 3325-1000 www.zumbidospalmares.edu.br
nucleocontra racismo@zumbidospalmares.edu.br



Homenageada 2017

*Zezé
Motta*

“Com muito prazer”

20

Novembro

19h00 • Sala São Paulo



TROFÉU
Raça Negra
2017

REALIZAÇÃO: **afrobras**

Inclusão e Empoderamento Afroétnico

PATROCÍNIO: 
Bradesco


Coca-Cola
Brasil


EMS


Santander
UNIVERSIDADES

APOIO: 
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura